

BAARAZNAU WAPICHAN¹: ETNOLINGÜÍSTICA FITOGEOGRÁFICA WAPIXANA²

João Paulo Jeannine Andrade Carneiro³

RESUMO

Historicamente, a vegetação existente no nordeste de Roraima ficou conhecida, nos mapas e relatórios portugueses do século XVIII, como “campos”, acompanhada do elemento geográfico referencializador: o rio Branco. Com o passar do tempo, outros termos foram introduzidos, especialmente pelos colonizadores, para designar a fitogeografia da região, tais como Cerrados, Savanas e Lavrados. Nenhum dos termos empregados levou em consideração as nomenclaturas indígenas para caracterizar tal bioma. Pretendemos, com o presente estudo, trazer à luz essas terminologias. Os Wapixana, grupo de filiação lingüística Arawak, são habitantes por excelência desses domínios campestres. Iremos analisar, portanto, na perspectiva etnolingüística, as diferentes terminologias utilizadas pelos Wapixana para caracterizar as diferentes paisagens campestres do nordeste de Roraima. Para os Wapixana, os campos, *baaraznau*, são frutos da geografia mítica, onde antigos homens interferiram no elemento natural, através da derrubada da grande árvore ou pela morte de imensos animais, para construir uma paisagem cultural, que até os dias de hoje é transformada pelos Wapixana. Neste contexto, podemos supor que a dispersão dos extensos campos de Roraima tem uma forte contribuição dos povos nativos que por ele passaram e que nele habitam. Assim, concluímos que a análise etnolingüística fitogeográfica Wapixana revelou paisagens culturais repletas de significados que desvelaram, em parte, a visão de mundo do grupo denominador.

Palavras-Chaves: Etnolingüística, Fitogeografia, Wapixana, Geografia Mítica.

RÉSUMÉ

Historiquement, la végétation existante dans le Nord-Est de l'Etat de Roraima est devenue connue, dans les cartes et les rapports portugais du XVIII^e siècle, comme « campos », accompagnée de l'élément géographique de référence : le fleuve Branco. Avec le temps, d'autres termes furent introduits, spécialement par les colonisateurs, pour désigner la phytogéographie de la région, tels que « Cerrados », Savanes et « Lavrados ». Aucun des termes utilisés n'a pris en considération les nomenclatures indigènes pour caractériser un tel biome. Je prétends, avec ce travail, éclaircir ces terminologies. Les Wapixana, groupe d'affiliation lingüistique Arawak, sont les habitants par excellence dans ces domaines campestres. J'envisage analyser, donc, dans une perspective ethnolingüistique, les différentes terminologies utilisées par les Wapixana afin de caractériser les différents paysages du Nord-Est de l'Etat de Roraima. Pour les Wapixana, les champs, *baaraznau*, sont fruits de la géographie mythique, où d'anciens hommes auraient interagi dans l'élément naturel, à travers la mise à bas du grand arbre ou par le moyen de la mort d'immenses animaux, pour construire un paysage culturel, lequel jusqu'à nos jours est transformé par les Wapixana. Dans ce contexte, il est possible de supposer que la dispersion des grands champs de Roraima a une forte contribution des peuples natifs qui les ont traversés et qui l'ont habités. Alors, je conclus que l'analyse ethnolingüistique phytogéographique Wapixana révèle des paysages culturels pleins de significations qui dévoilent, en partie, la vision de monde du groupe dénominateur.

Mots-Clé: Ethnolingüistique, Phytogéographie, Wapixana, Géographie mythique.

INTRODUÇÃO

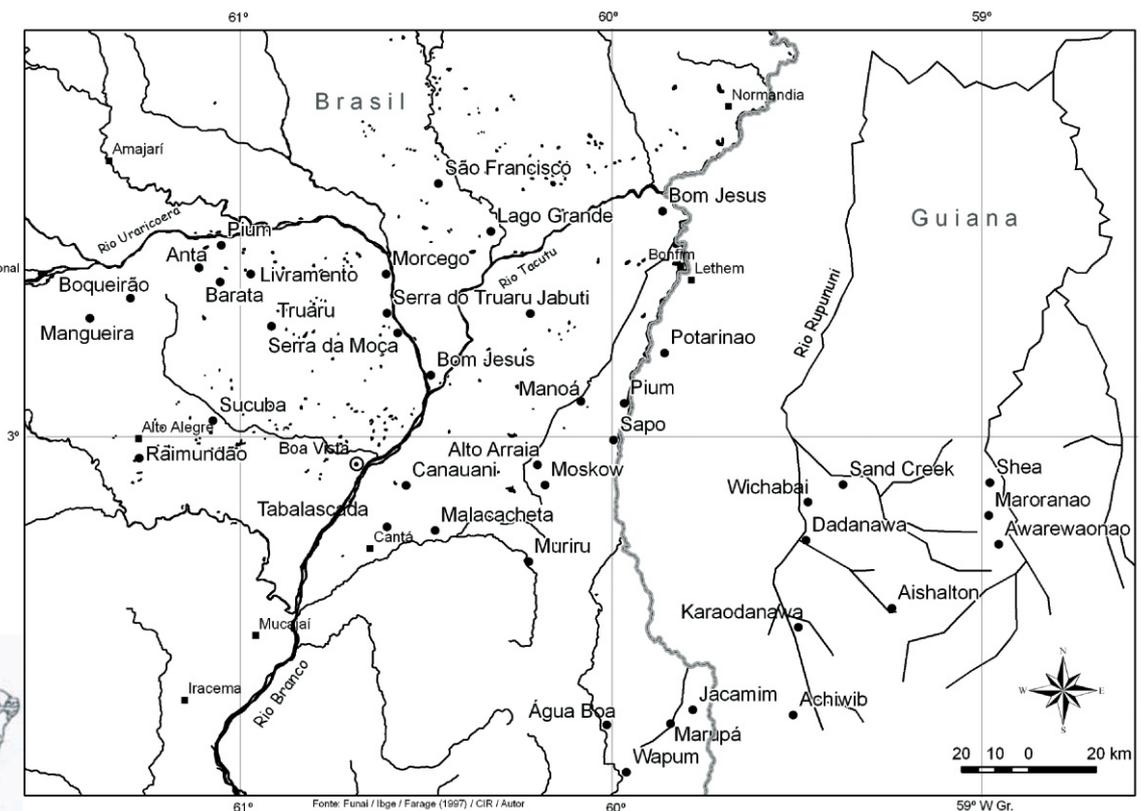
Historicamente, a vegetação existente no nordeste de Roraima ficou conhecida, nos mapas e relatórios portugueses do século XVIII, como “campos”, acompanhada do elemento geográfico referencializador: o rio Branco. Com o passar do tempo, outros termos foram introduzidos, especialmente pelos colonizadores, para designar a fitogeografia da região, tais como Cerrados, Savanas e Lavrados. Nenhum dos termos empregados levou em consideração as nomenclaturas utilizadas pelos indígenas para caracterizar tal

bioma. Pretendemos, com o presente estudo, trazer à luz essas terminologias.

Os Campos do rio Branco se estendem entre os paralelos de 2° à 5° Norte e 59° à 62° Oeste de Gr. No país vizinho, Guiana, esses campos são conhecidos como Savanas do Rupununi, em referência ao rio de mesmo nome (Mapa 1). Nesses campos vivem os Wapixana, grupo de filiação lingüística Arawak, habitantes por excelência desses domínios campestres. Neste artigo iremos analisar, na perspectiva etnolingüística, as diferentes denominações utilizadas pelos Wapixana para caracterizar as diferentes

Território Wapixana 2007

- Legenda**
- Maloca Wapixana
 - Capital
 - Cidade
 - Fronteira Internacional
 - ~ Rios e Igarapés
 - Áreas Inundáveis



Mapa 1 – Território Wapixana

Autor: João Paulo Jeannine A. Carneiro

paisagens fitogeográficas dos Campos do rio Branco. Pottier (1970) já notava que o estudo das taxionomias lexicais é via privilegiada para a compreensão da língua e a visão de mundo do grupo estudado. Acreditamos, com o presente estudo, que estaremos contribuindo com novas significações, por meio dos etnoconhecimentos, sobre o conceito e a origem de Savana no Brasil e na América do Sul.

A área de estudo para a presente pesquisa está localizada na chamada Região Indígena da Serra da Lua (denominada a partir desta, simplesmente, de Serra da Lua) que compreende 9 Terras Indígenas e 18 malocas (Mapa 2). Tal escolha ocorreu em função de encontrarmos nesta área diferentes fitofisionomias campestres.

GEOGRAFIA MÍTICA

Antes, dizem os Wapixana, só havia dia e uma grande árvore, '*tamoromu*'. Todo alimento estava lá, não precisava plantar era só colher. Só que a árvore era bastante alta e havia muita quantidade e diversidade de alimentos

nesta árvore: mandioca, amendoim, banana, milho, arroz, abóbora, cará, feijão, inhame, melancia, tudo na mesma grande árvore. No entanto, para alcançar os alimentos era necessário subir nesta, atividade que era muito penoso. Então, dois irmãos resolveram cortar *tamoromu*, 'a grande árvore', para facilitar a colheita dos alimentos, assim como, retirar as suas sementes. A árvore tombou, como resultado, o céu também despencou, o que era dia, tornou-se noite. Onde caiu mandioca, milho, abóbora... virou roça, '*zakap*'; onde caiu folhas e galhos virou floresta, '*kanuku*'; e onde não caiu nada virou campo, '*baaraz*'⁴.

Este mito consta na memória coletiva dos Wapixana e povos adjacentes, como os Makuxi. O próprio monte Roraima é considerado como o tronco desta grande árvore que foi derrubada pelos irmãos arteiros, resquícios de uma geografia mítica⁵ na atual TI Raposa/Serra do Sol. Os Wapixana, nesta geografia onírica, ficaram no campo, *baaraz*, ou melhor, nos campos, *baaraznau*, visto que são diversos.

Outra versão mítica das paisagens campestres Wapixana refere-se também à morte, agora de um grande animal:

Mapa de Localização

Estado de Roraima - 2009
Região Indígena da Serra da Lua



Fonte: CIR (2007)
Autor: João Paulo Jeannine A. Carneiro

Mapa 2 - Área de estudo

Fitônimo em wapixana	Estrutura Gramatical	Fitônimo em português	Conceito
<i>Baaraz</i>	Substantivo	Campo	"É uma região com muito capim, onde a vista alcança o longe. É também a nossa morada e dos animais"
<i>Baaraz Aray'u</i>	Substantivo + Adjetivo	campo aberto / campo sujo	"É o campo com poucas árvores"
<i>Baaraz Kawau</i>	Substantivo + Adjetivo	campo queimado	"É o campo após o fogo."
<i>Baaraz Kaimena'u</i>	Substantivo + Adjetivo	campo bom; campo limpo	"É o campo limpinho, principalmente, após o fogo, bom para andar, para caçar."
<i>Baaraz Kuriu</i>	Substantivo + Adjetivo	campo verde	"Duas ou três semanas após o fogo, o campo fica verde."
<i>Baaraz Kunainima'u</i>	Substantivo + Adjetivo	campo bonito	"É aquele campo verdinho, cheio de vida e de caça."
<i>Baaraz Kazamaka'u</i>	Substantivo + Adjetivo	campo cerrado	"É o campo de difícil passagem e conseqüentemente de visão ruim"
<i>Baaraz Karixi</i>	Substantivo + Substantivo	campo alagado	"Na época do inverno os campos se transformam em lagoas."

Quadro 1. Os campos Wapixana.

Contam que os paraiunan, [Paraviana], uma tribo de gente que corria muito, muito rápida mesmo, respeitavam muito um bicho. Esse bicho era como uma onça, bem grande, morava para baixo e não tinha o lavrado ainda. Esses índios resolveram matar o bicho e o flecharam e cortavam o bicho enquanto este corria. Onde caía os pedaços do bicho, as matas se transformavam em campo, lago, igarapé, tudo bem perto do outro6.

Neste último mito temos referência aos índios Paraviana, que no século XVIII dominavam a região do rio Branco, tanto que documentos históricos trazem a denominação de rio dos Paravilhanas, para o atual rio Branco. Neste contexto, a paisagem mítica dos campos e lagos da Serra da Lua é fruto da interferência indígena no mundo natural. Os dois mitos têm como semelhança a morte de um ser vivo, a grande árvore ou a grande onça, para o nascimento de uma paisagem mítica e cultural. Os campos, *baaraznau*, são frutos deste encontro, não mais natural, mas sim, cultural,

na medida em que o homem é o grande agente transformador desta. Neste sentido, os campos, *baaraznau*, foram e como veremos, continuam sendo uma construção humana.

ETNOLINGUÍSTICA FITOGEOGRÁFICA WAPIXANA

Iremos analisar neste tópico os termos empregados pelos Wapixana para designar os diferentes estados da vegetação. Investigaremos, também, as diversas relações entre etnolinguística e fitogeografia e a visão de mundo Wapixana.

Neste quadro vemos as várias categorizações dos campos para os Wapixana, desde o campo (*strito sensu*) passando pelo campo alagado até o campo queimado. Posey (1986, p.4) diz que "[...] a diferenciação de uma categoria subordinada é um indício quanto a seu significado cultural ou utilitário: quanto mais intensa a subcategorização, mais significativa a espécie."

Fitônimo em wapixana	Estrutura Gramatical	Fitônimo em português	Definição
<i>Maparary</i>	Substantivo	Campinarana	"É o campo circundado por mata".
<i>Kazamaka'u</i>	Substantivo/Adjetivo	Cerrado	"É aquela vegetação que não serve para muita coisa e ainda corta agente para atravessar".
<i>Kanuku Katunary</i>	Substantivo + Substantivo	ilha de mata / capão	"É aquela ilha de mata dentro do campo, normalmente uma antiga maloca".
<i>Kanuktinham</i>	Substantivo + Verbo no gerúndio (transformar)	transformando em mata	"É quando o campo se transforma em mata".

Quadro 2 - Vegetação de transição entre o campo e a mata

No caso Wapixana, vemos não uma espécie com um alto grau de subcategorias, mas um conjunto de espécies, manipuladas pelas ações antrópicas, que compreendemos como paisagem cultural. Partindo dessa realidade, percebemos através da hipótese de Posey, o quanto esta é importante para o desenvolvimento da vida dos Wapixana. A começar pelo conceito do termo *baaraz* entre os Wapixana: "a nossa morada". Lugar onde os Wapixana nascem, se reproduzem e morrem. Para tanto, é necessário que o campo esteja limpo, então os Wapixana colocam fogo no campo cerrado, '*baaraz kazamaka'u*', para que este se transforme em campo bom, limpo de animais peçonhentos que podem ameaçar a vida Wapixana.

O campo queimado, '*baaraz kawau*', tem a função de despertar a floração em algumas espécies, que sem este elemento, não se reproduziriam. Com a floração, os animais, que durante o fogo se afastaram, retornam após algumas semanas para se alimentarem. Este campo renovado é chamado pelos Wapixana de *Baaraz Kunainima'u*, 'campo bonito', pois a vida transborda nele e com isto os indígenas garantem a caça próximo à sua maloca⁷.

Neste contexto, podemos supor que a dispersão dos extensos campos do rio Branco

tem uma forte contribuição dos povos nativos que por ele passaram e que nele habitam. Entretanto, assim como o campo é uma co-evolução cultura/natureza, as ilhas de matas que se encontram dentro desses campos, que os tupi chamavam de 'capão' e os Wapixana chamam de *kanuku katunary*, também podem ser consideradas como paisagens culturais.

No quadro 2 estão os termos que os Wapixana reconhecem como tipos de transição entre campos e matas e que não se inserem na classificação de *baaraz*.

Para compreendermos o conceito do fitônimo: ilha de mata, '*kanuku katunary*', é necessário que nos reportemos às paisagens vernáculares das malocas Wapixana. Das 18 malocas da Serra da Lua, apenas duas encontram-se na mata, Sapo e Tabalascada, todas as outras estão situadas no campo. Normalmente há um centro na maloca, onde encontramos a casa do tuxaua, o malocão, a escola, a igreja e o posto de saúde; as demais casas encontram-se dispersas pelos campos.

Em torno das casas há quintais repletos de espécies vegetais, como ervas medicinais, bem como plantas frutíferas, como mangueiras e cajueiros. O caminho entre uma casa e outra se dá por pequenas trilhas que estão quase que ocultas na vegetação fechada do estrato

herbáceo, que com o fogo se revelam. Ao longo dessas trilhas é comum encontrarmos também algumas espécies frutíferas. Quer dizer que apesar do Wapixana ter o hábito de atear fogo ao capim seco para limpar o terreno, este também tem a cultura de florestar os campos, principalmente com as espécies que são mais úteis ao seu cotidiano.

Posey (1997b, p. 210) diz que entre os *kayapó* do Brasil Central, essas ilhas de mata são formadas por 60% de espécies que foram plantadas pelos próprios indígenas. Desta forma, o pesquisador norte americano constata tal fato como insólito e que isto obriga-nos a repensar aquilo que foi anteriormente considerado natural em meios ambientais de campos/cerrados, nos quais sobrevivem populações nativas. Mesmo em áreas onde os índios desapareceram, desde há muito tempo, vestígios de manipulação e remanejamento humanos ainda continuam evidentes.

Podemos aferir que este é o caso dos campos Wapixana, '*baaraznau wapichan*', visto que estão repletos de ilhas de mata, *kanuku katunary*, ao que tudo indica, testemunhos de antigas malocas deste povo.

A MIGRAÇÃO WAPIXANA

Lucila Hermann disserta sobre a freqüente migração Wapixana: "Vários fatores favorecem essa mobilidade: os costumes presos à vida agrícola; a invasão do Território dos índios pelos fazendeiros brasileiros; a tradição presa aos ritos mortuários; o desejo de mudar". (HERMANN, 1946, p.17). A autora enfatiza, no entanto, que a principal causa de mudança entre os Wapixana, são os ritos mortuários "que impunham antigamente, o sepultamento do cadáver no recinto da casa, o abandono e a queima da mesma e a mudança para a nova malóca. Os tuxauas conservam ainda a tradição e costumam mudar de maloca quando lhes morrem a esposa. Muitos dos índios comuns, em face do terror que sentem em relação à morte, abandonam, às vezes temporariamente, outras vezes definitivamente a casa. Esses costumes vão desaparecendo, lentamente, por duas razões: a pobreza que vivem faz com que não lhes seja fácil o abandono da velha malóca e construção de uma nova; a influência da missão

beneditina vem destruindo a tradição de sepultar o morto dentro da casa introduzindo o enterro em cemitérios."

Hoje, meio século após esses escritos, encontramos apenas uma informação verbal que assegurou este hábito cultural. Pois a grande maioria de nossos informantes desconhecia os ritos mortuários na própria casa, a antiga maloca. Não obstante, esta cultura secular, certamente, contribuiu de forma significativa para atual paisagem cultural dos Campos do Rio Branco. Pois, o ato de atear fogo à casa favorece a formação de matéria orgânica decomposta que no decorrer do tempo irá enriquecer a terra, uma vez que as casas Wapixana são feitas de madeira e palha. Como em torno das antigas malocas, havia muitas espécies vegetais, essas seriam beneficiadas pela queima, assimilando os nutrientes. Com o conseqüente abandono desses lugares pelos Wapixana, principalmente, pelo medo das entidades malignas, as ilhas de mata, '*kanuku katunary*', têm o tempo necessário para o seu pleno desenvolvimento, com o aparecimento de outras espécies, que serão trazidas pelos animais que visitarão o lugar em busca de alimento. Essas novas espécies irão aproveitar das condições ambientais proporcionadas pelos indígenas, como a sombra, que aumenta o coeficiente de umidade, bem como os nutrientes do solo, conseqüência da queima da casa.

O atual confinamento dos Wapixana da Serra da Lua em pequenas Terras Indígenas, ilhadas pelas imensas fazendas de gado e de *Acácia melífera*, evidentemente, corroborou para o fim da migração cultural deste povo. Tanto que a única maloca onde ouvimos falar sobre essas migrações foi na maloca de Marupá, dentro da maior Terra Indígena da Serra da Lua, onde ainda é possível desenvolver tais práticas.

No caso das roças Wapixana, estas ainda são temporárias, duram de dois a três anos, porém, com a perenidade das malocas, as roças estão cada vez mais distantes, um Wapixana demora em torno de duas a três horas para chegar à sua roça⁸. Isto faz com que o indígena dependa de transportes automotivos⁹ para poder transportar a sua colheita para o centro da maloca, condição que o torna cada vez mais dependente das técnicas ocidentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado desta breve análise etnolingüística, desenvolvemos o mapa Fitogeográfico *Wapicha* da região indígena da Serra da Lua (mapa 3). Este mapa traz também todos os nomes geográficos na língua Wapixana. Por fim, percebemos, com este artigo, que a análise etnolingüística fitogeográfica Wapixana dos campos do rio Branco revelou paisagens culturais de campos e florestas. Evidente, que apesar da influência dos povos nativos na formação dessas paisagens, não podemos nos esquecer da histórica ocupação desses campos pela pecuária, desde o século XVIII, incentivada pela coroa portuguesa. Tal atividade, certamente, favoreceu a expansão das formações campestres mais abertas em detrimento dos campos cerrados, por exemplo. Em relação ao cerrado (sentido estrito) não verificamos em campo tal fitofisionomia, bem como, não encontramos tal concepção na língua Wapixana.

NOTAS

¹ 'Os Campos dos Wapixana'.

² Este artigo foi desenvolvido inicialmente como um subcapítulo de minha dissertação de mestrado (Carneiro, 2008) Posteriormente, foi adaptado como capítulo de um livro didático, de minha autoria, para as escolas indígenas da Serra da Lua. No entanto, a presente versão sofreu algumas modificações e ampliações em decorrência de meu último trabalho de campo na Região Indígena da Serra da Lua (Roraima - Brasil) em novembro de 2008.

³ Geógrafo-UNESP e Mestre em Linguística-USP.

⁴ Mito coletado em campo pelo autor em 2005, 2006 e 2009, por meio de vários informantes situados nas malocas de Jacamim, Marupá, Jabuti e Canauani; também encontrado em (Koch, 1917, p. 127 e Wirth 1950, p. 172).

⁵ Termo utilizado por Strauss (1962, p.194) para referir-se aos lugares frutos de construções míticas ou totêmicas.

⁶ Informação verbal fornecida pelo wapixana Odamir, 48 anos, maloca de Malacacheta, 2006.

⁷ Importantes pesquisas demonstram a importância do fogo para a floração das espécies campestres e dos cerrados, acarretando em abundância de alimentos para a fauna local. Cf. Coutinho (1990).

⁸ Este tempo deverá aumentar, visto que as terras boas para a agricultura estão cada vez mais distantes da do centro da maloca, em torno de 20 a 30km.

⁹ Apenas na maloca do Pium encontramos o carro de boi, utilizado como transporte de carga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA et al (Orgs.) **Savanas de Roraima: Etnocologia, Biodiversidade e Potencialidades Agrossilvipastoris**. FEMACAT. Boa Vista, 2005.

CARNEIRO, J. Jeannine. **A morada dos Wapixana: Atlas Toponímico da Região Indígena da Serra da Lua**. Dissertação de mestrado. USP. São Paulo. 2007. p.189.

COUTINHO, L. Cerrado e a ecologia do fogo. In: *Ciência Hoje*, v.12, n.68. Rio de Janeiro. 1990. p.23-30.

HERMANN, L. **Organização social dos Vapidiana do Território do Rio Branco (Amazonas, Brasil)**. Tese (mestrado). Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo. 1946. p. 97.

POTIER, B. Le domaine de l'etnolinguistique. **Langages**, nº 18. p. 1-11. 1970.

POSEY, D. Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, B. (Coord.) **Suma Etnológica. I Etnobiologia**. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1997a. p. 1-16.

_____, Manejo da Floresta Secundária, Capoeiras, Campos e Cerrados (Kayapó) In: RIBEIRO, B. (Coord.) **Suma Etnológica. I Etnobiologia**. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1997b. p. 199-214.

ANEXOS



Fotografia 1 - *Baaraz kaimena'u*, 'campo bom'.
Maloca de Manoá, 2006.



Fotografia 2 - *baaraz aray'u*, 'campo sujo'.
Ao fundo serra do Surrão e da Tabalascada.
Maloca Tabalascada, 2006



Fotografia 3 - *Baaraz kazamaka'u*, 'campo cerrado'.
Maloca de Cumarú, 2006.



Fotografia 4 - *Baaraz kawau*, 'campo queimado'.
Maloca de Jabuti, 2006.



Fotografia 5 - *Baaraz kaxiri*, 'campo alagado'.
Maloca de Cumarú, 2006.



Fotografia 6 - *Kanuku katunary*, 'Ilha de mata',
repleta de Inajás.